

REIS E CARETAS: A FÉ, A DANÇA E A FESTA

Maria do Amparo Moura Alencar Rocha

Na cidade de Alto Longá, localizada ao norte do Piauí, anualmente no fim de dezembro ao início de Janeiro é comum encontra vários grupos de festeiros devotos tirando reisado. Celebração ritualística em homenagem a Santo Reis que envolve, religiosidade, dança e festa, permeado por diversos sentidos e significados, o que difere em alguns aspectos do que é comumente encontrado nos relatos de folcloristas¹ que versão sobre o assunto em outras regiões, o que evidencia uma diferenciação nos personagens, na toada, nos versos, no ritmo de dança, na festa, nos valores e sentidos atribuídos a essa celebração.

Nesta localidade só se tira reisado em pagamento de um ex-voto, em reconhecimento a uma graça alcançada, no ritual os devotos evocam uma memória coletiva capaz de ligá-los a seus ancestrais, manifestadas nos gestos, nos sons e na devoção ao Santo. Embora ressignificados, os festeiros de reis procuram preservar no rito, a semelhança com a qual vivenciaram, no tempo de seus avós, de seus pais, como era celebrado outrora. Alguns símbolos e personagens ainda permanecem como: a Bandeira, a Caixa que leva o Santo, a presença dos Caretas, o Boi, o Sanfoneiro, as Cantadeiras e a figura do Pagador do ex-voto.

Durante nove noites, período que vai de 26 de dezembro á 06 de Janeiro, com alguns intervalos para descanso, esse grupo segue peregrinando pelas ruas longaense, batendo de porta em porta para celebrar esse ritual. O que desperta a curiosidade de populares, que vão chegando de toda parte, pois se identificam com a devoção, riem, cantam, dançam, e observam atentamente toda aquela celebração.

Agora em maior número, o grupo se aproxima das casas, o curioso é que as mesmas devem estar escuras, em sinal que querem receber o Santo Reis, vendo esse sinal, o Promesseiro devoto põe a Bandeira na porta e com a Caixa do Santo no Colo e junto com as cantadeiras, que são guiadas por seus cadernos de cantigas, cantam o Reis, acompanhando o ritmo sonoro da sanfona e com a musicalidade que é peculiar do reisado piauiense começam a relatar o motivo da promessa. Vale ressaltar que a cada refrão da cantiga de Reis, os Caretas, personagens que anima o rito, respondem com tom hilariante, o que faz com que todos os presentes riem muito.

Após ouvirem os relatos da promessa entoados nas cantigas, os donos da casa, geralmente o casal, acende uma luz, a porta se abre, seguram a Bandeira e ajudam a enrolá-la para libera a entrada da Caixa do Santo, ambos o reverenciam e beijam, é papel da mulher acolher o Santo, recebê-lo com devoção. Nesse momento sua expressão facial muda, como se a mesma se revertesse de uma sensibilidade que denota uma prática religiosa aprendida e ritualizada, tudo silencia. Ela faz suas orações, dar a esmola, uma espécie de oferenda ao Santo, que é entregue ao promesseiro, o festeiro devoto. A cada casa

o Santo repousa, geralmente ao lado de uma vela acesa, em sinal de respeito á divindade peregrina.

Enquanto isso, o dono da casa é surpreendido pelos Caretas, que de forma irreverente se apresentam, pedindo permissão ao Capitão, denominação que atribuem ao dono da casa, para apresentarem seus versos e sapatearem, em troca de pagamento, é claro.

Há todo um jogo, o capitão demonstra desinteresse naquele tipo de apresentação, aí então os caretas procuram em seus repertórios os versos mais engraçados para agradá-lo, e nesta peleja, diverte tanto capitão quanto ao público que acompanha o reisado. Aí então o Capitão se rende aos seus apelos e permite que dancem. Os Caretas então, começam a sapatear, ritmado ao som da sanfona e orquestrado pelo o barulho estridente que trazem em suas “aparcatas” (sandálias de couros) recheadas com latas, que marcam a percussão do ritmo. Eles sapateiam, dançam só, ás vezes se agarram, dançando em dupla, transpiram muito, se divertem e alegram aos que os observam.

O ritmo é envolvente, difícil é ouvir e não se contagiar, os pés começam involuntariamente a pisar no chão com mais firmeza, na esperança que os calçados consigam emitir o mesmo som do sapateado dos Caretas, o corpo começa a mexer-se, mesmo que timidamente.

Ao final do sapateado, eles jogam lenços de tecidos no ombro do Capitão, este é um sinal que querem o pagamento pela apresentação. O dono da casa na tentativa de vê-los dançar mais um pouco, diz não ter ficado satisfeito com o que viu, daí condiciona o pagamento da dança a mais um pouco de sapateado e eles na tentativa de satisfazê-lo, sapateiam mais um pouco para a alegria de todos. Não demora muito e o Dono da casa lhes traz o pagamento, enrolado nos lenços e os devolve, isso é suficiente para que façam a maior festa.

Após serem pagos, oferecem ao Capitão, uma outra apresentação, agora eles falam de um passarinhos que veio de longe, que já nasceu cantando e perguntam se o mesmo não quer conhecê-lo. O capitão experiente, acostumado com a celebração do ritual, já sabe do que se trata do Boi que quer se apresentar, assim como os Caretas, precisa de pagamento para se apresentar, se o Capitão dispõe da boa quantia em dinheiro, não pensa nem duas vezes, permite que se apresente. O boi começa a dançar na toada da sanfona, ritmado na musicalidade puxada pelos Caretas, que mais uma vez alegram o rito. Com seus “chicotes” provocando a ira do Boi, e este como resposta aos insultos, corre atrás dos mesmos, na tentativa de chifrá-los. Na fuga, os Caretas se misturam aos que estão assistindo que também procuram correr para escapar das chifradas do bicho. Motivos para arrancar risos dos demais que assistem a apresentação.

Chega um momento em que o boi se distrai e um dos caretas o sangra, simula perfurar o pescoço do boi com o cabo do chicote ou o atira em sua cabeça, matando o boi

dançarino, este cai, facilitando a retirada de sua língua. Os Caretas se sentam para retirada da língua, um fica pegado no rabo e os outros dois seguram a cabeça do boi. Toda essa encenação é para tirar um lenço vermelho, simbolizado como a língua, este é entregue ao Capitão para que o envolva com o pagamento da apresentação e depois o devolva. Após o pagamento, Caretas entoam uma nova canção que tem o poder de ressuscitar o boi, ele vai ganhando vida, dançando, e se levanta, cumprindo as ordens dos Caretas, abençoa a Aiá, que é dona da casa e o Capitão, como forma de agradecimento da celebração do ritual. Assim termina a encenação do rito, e o Promesseiro recolhe a Caixa do Santo, a Bandeira e convida os donos da casa para que no dia 06 de janeiro, venham rezar com ele, festejar o dia de Reis.

Toda essa celebração se repete a cada casa em que o reisado se apresenta, varando a noite só terminando com o clarear do dia. E assim ocorre durante as nove noites até o dia de Reis.

No dia de Santo Reis, a casa do festeiro já amanhece em festa, a vizinhança chega logo cedo para ajudar na preparação dos alimentos que serão ofertados a todo povo que vierem festejar o Santo. Assim, homens, mulheres e crianças passam o dia envolvidos naquela lida, contam causos e riem enquanto cuidam dos preparativos.

Tudo que é servido aos convidados, foi ofertado ao Santo Reis durante a peregrinação do reisado. Santo Reis ganha como esmola além de dinheiro, animais como: galinhas, porcos, bodes, carneiros e cereais como: arroz, fécula de mandioca e farinha. Tudo isso pode ser ofertado ao Santo durante a realização do ritual do Reisado e será ofertado aos que comparecerem á festa. A variedade de alimentos a serem servidos depende do que foi ganho, considerando isso, o banquete é composto por guisado de galinha, de porco e bode, que são preparados em caldo, acompanhados de arroz, farofa e feijão. Como se espera muita gente para a festa toda essa comida é feita em grande quantidade, preparadas em panelas grandes e cozidas em fogo á lenha, feito no quintal da casa do festeiro devoto.

Ainda cedo, por volta de meio-dia, começam a chegar os convidados, neste momento as comidas já devem está prontas, para serem servidas, que vai chegando vai logo comendo e escutando as brincadeiras dos caretas que ao som da sanfona animam a casa com seus versos. Na casa do Festeiro, todos são bem recebidos, nem precisa ter sido convidado pelo devoto, o importante é que queira participar. Com isso todos se sentem acolhidos e quando menos se imagina a casa do devoto está repleta de gente vinda de todos os cantos da cidade.

Ainda ao entardecer, dá-se continuidade ao ritual, o festeiro devoto retoma sua obrigação, pega a caixa do Santo, a Bandeira e na companhia dos Caretas e Cantadeiras, retoma novamente sua peregrinação, agora tirará o Reis, em duas casas vizinhas e por

última na sua casa do devoto festeiro. Quando chega em sua casa é Ele quem recebe o reisado. Neste momento as Cantadeiras seguram a Caixa do Santo na porta e o festeiro fica dentro de casa para receber o Santo, a Bandeira, as Cantadeiras, os Caretas e Sanfoneiro. Cumprindo o ritual Ele acende as luzes, abre a porta e juntamente com sua mulher recebe a caixa do Santo, beija a imagem de Santo Reis e faz o sinal da cruz. Em seguida, todo o povo entra na casa para rezar um terço oferecido á Santo Reis, nesta parte do rito é que o devoto pagar sua promessa, agradecer ao Santo, pela graça recebida, agradece as pessoas que participaram e ajudaram na celebração do rito e que desta forma ajudaram a pagar sua promessa.

Depois que termina o terço e os agradecimentos, todos saem de dentro da casa e vão para o terreiroⁱⁱ, lá fora o Boi começa a dançar, os caretas sapatearem e jogarem os lenços na multidão que assistem á apresentação, o Boi dança entoado pelo o som da sanfona e provocado pelos Caretas, começa a chifrar aos que assistem, fazendo todos riem e correrem com medo de suas chifradas. Dessa forma, Caretas e boi, vão até altas horas da noite dançando e divertindo todos que vieram assistir o ritual do Reisado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

CASCUDO, Luis da Câmara. Folclore do Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Fundo de Cultura, 1967.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. Folclore Brasileiro: Piauí, Rio de Janeiro, Furarte, 1977.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. Estudo de História. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5 n.10, 1992(disponível para download em www.cpdoc.fgv.br)

ⁱ Faça referência aos folcloristas como Noé Mendes e Câmara Cascudo.

ⁱⁱ Espaço localizado na frente da casa do festeiro devoto, reservado para apresentação do boi e dos caretas.